

## BRASIL E ARGENTINA EM 1908: EFEITOS DA POLÍTICA ARMAMENTISTA NA IMPRENSA BRASILEIRA

*Sandra M. L. Brancato\**

Um dos momentos mais tensos que marcaram as relações entre Brasil e Argentina situa-se no início do século XX quando dirigiam a política exterior destes países, respectivamente o Barão de Rio Branco e Estanislao Zaballos.

Não foram apenas razões específicas, relativas à problemas de natureza bilateral que estimularam a tensão entre os dois países. É preciso ter presente que o caráter competitivo do mundo capitalista de então – como refere muito propriamente Clodoaldo Bueno –<sup>1</sup> justificava a política da paz armada.

Deixando-se envolver neste contexto, mais geral, vieram mais uma vez à tona as desconfiças recíprocas que marcavam a história comum dos dois importantes vizinhos do subcontinente. Tal situação preocupava bastante a Rio Branco, tanto que, bem antes de ser Ministro, já se alarmava face a disparidade das forças brasileiras em contraponto com as argentinas: “Fico muito inquieto com nosso negócio de Missões, porque se os argentinos aproveitarem a ocasião teremos de passar por grandes vergonhas”, dizia ele em 1882, numa carta ao Barão Homen de Mello, acrescentando ainda: “Não temos esquadra, não temos torpedos, não temos exércitos, e os argentinos têm tudo isso”.<sup>2</sup> Passados dez anos, estando à frente da chancelaria brasileira, continuaria a se afligir com o despreparo de nossas forças.

Na Argentina os temores não eram menores, tornando-se inclusive mais alarmistas desde que Zaballos, pelas colunas de alguns jornais de Buenos Aires, iniciou uma

---

\* Curso de Pós-Graduação em História-IFCH. PUC-RS. 90619-900 Porto Alegre-RS.

virulenta campanha contra o Brasil, alertando sobre o perigo que supunha representar a política armamentista que, segundo afirmava, era estimulada pelo governo. No início de 1908 disparava o Ministro pelas colunas de **La Razón**: "Que hará el Brasil cuando vea surtes en la bahía de Río buques de guerra cuya construcción ha encargado? Habrá llegado entonces el caso de demostrar fuera del terreno de la diplomacia lo que somos y lo que podemos, Si en la actualidad ofende y provoca tan atrevidamente, à donde llegarán sus avances cuando se crea la sexta potencia naval del universo? Lo suponemos".<sup>3</sup>

Pela mesma linha seguiam **La Prensa e El Sarmiento** em editoriais praticamente diários. Não é objetivo deste trabalho examinar o teor destes editoriais<sup>4</sup>, mas sim como repercutiu em alguns jornais do Rio de Janeiro a demissão de Zeballos da chancelaria argentina, em 16 de junho de 1908, tendo em vista toda a campanha alarmista que vinha fazendo sobre a política armamentista brasileira.

De um modo geral se verifica que os jornais do Rio de Janeiro consideraram o Ministro que saía como único responsável pelo clima de animosidade e desconfianças recíprocas existente entre Brasil e Argentina. Assim, os comentários relativos à sua retirada, em grande parte, terminaram tendo um caráter defensivo, na medida em que procuraram demonstrar a improcedência das acusações que o Brasil recebia, chamando ainda a atenção de que, uma vez afastado Zeballos, o relacionamento Brasil/Argentina deveria, conseqüentemente, melhorar.

Os principais enfoques trabalhados pela imprensa nesta ocasião permitem que se faça a distribuição temática que segue.

### **O Vice-Reinado do Prata e o imperialismo brasileiro**

Basicamente dois jornais do Rio de Janeiro, **O Paiz e A Tribuna** insistiram na idéia de que a campanha anti-brasileira encetada por Zeballos acobertava, antes de mais nada, um acalentado projeto seu de restaurar o Vice-Reinado do Prata. No entender de **O Paiz** tal projeto era "absurdo e anacrônico", completando ainda que estava "para a evolução natural das nações sul-americanas, como a obra de intelectos soberanos que sonharam com os domínios do mundo que só uma cidade conseguiu realizar".<sup>5</sup> Contudo, na versão que aparece dispersa na imprensa brasileira em geral, Zeballos procurava motivar a Câmara e o Senado de seu país a liberar verbas para modernizar as Forças Armadas, visando realizar seus planos relativos ao Vice-Reinado. Como tal objetivo o Ministro não hesitava em alertar contra as supostas tendências imperialistas do Brasil sobre seus vizinhos mais próximos. Neste sentido argumenta A

**Imprensa**, em matéria assinada por Pangloss: "Não se fala em Buenos Aires senão na guerra próxima que o Brasil lhe vai levar. O Senhor Zeballos comove-se patrioticamente diante desse perigo iminente e entra a gritar pela boca de seus jornais que a Argentina precisa urgentemente de superar as forças que o Brasil está acumulando para invadir o território".<sup>6</sup>

A **Tribuna**, em linhas gerais, endossa o posicionamento de Pangloss: "... como a opinião pública naquele país [Argentina] está alheia a esses sonhos [reconstituição do Vice-Reinado do Prata] e refletiria como testemunhos de insensatez os apelos ao crédito para a criação da respeitável força armada necessária a semelhante empresa, o Sr. Zeballos tentou pela maneira mais insidiosa e desleal persuadí-la de que o Brasil se preparava para agredir, numa insofreada ambição imperialista".<sup>7</sup>

Já **O Século** examinava a questão de uma maneira mais informal, usando mesmo de uma certa ironia; "... chegaram até os jornais zeballistas a dizer e discutir verdadeiros despropósitos, como a concentração de tropas no sul, sob o comando do general Pinheiro Machado, quando este é apenas oficial honorário e se ocupa, aqui no Rio, de meros assuntos políticos e, em Campos, das diversões que lhe aprezem".<sup>8</sup>

Destoando bastante da versão da maioria dos jornais que concentravam na iniciativa de Zeballos o ousado plano de reviver o Vice-Reinado do Prata, encontra-se em **A Imprensa** uma opinião bastante original, atribuída a quem é identificado apenas como "um eminente personalidade, alheia a política central, mas muito conhecida da situação do sul". Segundo esta "eminente personalidade", "não podemos chegar à opinião que a idéia fundamental de Zeballos, a reconstrução do antigo vice-reinado do Prata, seja uma idéia abstrata e estranha aos argentinos". Fundamenta esta posição recordando que a Argentina instituíra o serviço militar obrigatório e que procurava se armar. Considerava que estas iniciativas seriam improcedentes se os homens públicos da Argentina não tivessem o ambicioso plano do Vice-Reinado, pois, vai concluindo a "eminente personalidade", o Brasil pela própria constituição e pelo seu reconhecido espírito pacífico, não lhe oferece perigo algum, e os demais vizinhos, Paraguai, Uruguai, Bolívia, são demasiadamente fracos, sob todos pontos de vista, para pretender um dia lutar contra a Argentina". Estas colocações embora isoladas da opinião mais geral, no que se refere à participação da sociedade argentina nos planos do Vice-Reinado, não escondem a intenção de fazer a defesa do Brasil. O discurso é claramente defensivo, conduz à conclusão de que os agressores são incontestavelmente os argentinos, cabendo ao Brasil apenas se posicionar ante possíveis provocações: "... os planos e idéias dos argentinos são prejudiciais a ponto tal aos interesses brasileiros, que o Brasil seria constrangido pela força das circunstâncias, a opor o veto à sua realização apoiando-o com quantas forças tivesse".<sup>9</sup>

## Zeballos e a política interna argentina

Antes de examinar como a imprensa do Rio de Janeiro relacionou a orientação dada às relações Argentina/Brasil por Zeballos com as questões de política interna daquele país, torna-se necessário colocar algumas situações que esclarecem preliminarmente a vinculação que então se quis fazer.

Quando Figueroa Alcorta assumiu a presidência na Argentina no final de 1906, <sup>10</sup> já encontrou o país em uma difícil situação interna, devido a agitação pré-eleitoral existente.

Apesar de Alcorta ter declarado que iria reprimir a corrupção eleitoral, as eleições se realizaram com muitas fraudes sob seu patrocínio, o que não impediu o triunfo da coalisão opositora. Tal circunstância exigiu que o Presidente formasse um Gabinete com membros da coalisão que triunfara, o que, no entanto, não conseguiu apaziguar as diferentes facções políticas. Durante todo o ano de 1907, muito especialmente, teve de enfrentar duras dificuldades que incluíam, inclusive, os efeitos da articulação de um golpe organizado para derrubá-lo. Apesar do golpe ter sido abortado, deixou profundas marcas no já escasso prestígio do presidente: o Senado movia-lhe uma forte oposição, enquanto que na Câmara a facção chefiada por Marcelino Ugarte negociava favorecimentos em troca de concessões.

Toda essa crise política veio à tona de forma avassaladora nos primeiros dias de 1908, quando Alcorta, usando como pretexto o retardamento da votação do orçamento, resolveu fechar o Congresso. A partir daí, utilizando a máquina oficial e a fraude o presidente conseguiu formar maioria no Congresso nas eleições de março de 1908. A oposição, como era previsível, não se conformou com a nova situação e o clima de intranquilidade política permaneceu.

Valendo-se deste conturbado ambiente alguns jornais brasileiros procuraram utilizá-lo como verdadeiro escudo contra as acusações sistemáticas que Zeballos vinha fazendo ao Brasil.

A **Tribuna** considerou que o Ministro argentino criava “fantasias” sobre o Brasil com o único objetivo de desviar a atenção daqueles que, no Parlamento, moviam ferrenha oposição a Alcorta.<sup>11</sup> Pontualizando muito mais a questão, **O Paiz** acusava Zeballos de prejudicar a tradicional amizade que ligava a Argentina ao Brasil com suas sucessivas intrigas. Alertava que o esforço feito pela oposição argentina no sentido de amenizar a tensão existente entre seu país e o Brasil era interpretado por Zeballos como um “intento de politicagem e aspirações de reconquista do poder perdido”.<sup>12</sup> Os editores de **O Paiz** tinham bem presente as combinações que levaram Alcorta a formar um Gabinete com elementos da oposição vitoriosa sua opinião de

que Alcorta não honrava os compromissos políticos, pois quando julgou chegada a hora "rompeu a sua solidariedade com os chefes da política nacional que o elegeram a 12 de outubro de 1904.." Tal comportamento contribuía, em definitivo, ainda na opinião do jornal, para agitar mais a política interna argentina, quando então impunha-se encontrar uma maneira de catalizar as atenções para outro alvo. O Brasil, neste esquema, encaixava perfeitamente favorecendo as articulações de Zeballos. A *Gazeta de Notícias*, por sua parte, endossava estas conclusões.<sup>13</sup>

Os jornais em questão, em seu conjunto, como se pode observar, preocupavam-se em demonstrar que apenas os interesses políticos de governo a que pertencia Zeballos é que poderiam injuriosamente sustentar que o Brasil tinha planos belicosos e expansionistas.

### Os seguimentos mais moderados da imprensa

É interessante observar que paralelamente aos juízos mais apaixonados que apareceram na imprensa carioca, houve outros tantos, de conteúdo mais conciliador, que chegaram a admitir que tinham uma parcela de culpa pelo clima de tensão criado entre Argentina e Brasil.

Assim aparecem, em algumas publicações, mensagens mais construtivas, que não tinham o caráter defensivo como as examinadas anteriormente. A tônica estava em alertar que era tempo de haver prudência e reconciliação desde que, com a caída de Zeballos "a nuvem passou e o sol rebrilha", como colocava o *Diário do Comercio*.<sup>14</sup> Também a *Gazeta de Notícias* se manifestava no mesmo sentido: "parece que o Brasil e a República Argentina podem afinal voltar-se tranqüilamente para a sua respectiva obra de civilização e progresso inteiramente despreocupados do perigo de perturbações com que uma ação política mal inspirada poderia ameaçar as duas grandes Repúblicas amigas e vizinhas."<sup>15</sup>

Neste clima o *Diário do Comercio* animava-se a sugerir: "não seria para desaconselhar que tomássemos nós da imprensa d'aquem e d'alem Prata o solene compromisso de cessar as diatribes, deveras infelizes, com que de parte a parte nos vamos doestando, a cavar assim e talvez sem bem refletir sobre o caso, mais que a rivalidade a animosidade entre o dois povos amigos..."<sup>16</sup>

De uma maneira original, *O Século*, na edição de 16 de junho de 1908, também deixou sua mensagem conciliatória através de versos de gosto literário bastante duvidoso, sob o título "Aguilhas e Alfinetes":

“Foi bem justo o geral contentamento.  
Que a retirada de Zeballos trouxe;  
Com ela felizmente iniciou-se  
Uma era de cordial conagraçamento!”

**A Imprensa**<sup>17</sup>, seguindo a mesma linha optou por publicar entrevistas feitas com políticos de expressão que igualmente apostavam em tempos melhores para o Brasil e a Argentina. Entre eles estavam Carlos Peixoto, presidente da Câmara dos Deputados e seu vice, Cassiano do Nascimento. O mais efusivo, no entanto, foi Barbosa Lima, deputado pelo Rio de Janeiro que, com muita objetividade, afirmou que chegara o momento oportuno de não continuar “a alimentar a desconfiança e ódio contra a República Argentina”.

Por fim, **A Imprensa** optou por emitir uma opinião própria: as probabilidades de voltar a existir uma convivência amena entre Brasil e Argentina eram reais desde que fora afastado o que chama de “vírus zeballico”. “Por nós não se ateará nunca ao continente americano o facho da guerra”<sup>18</sup>, asseguravam seus editores. Bastava para tanto que a Argentina não ambicionasse a conquista de nações independentes e que, principalmente, o “vírus zeballico” continuasse neutralizado.

No que se refere a Zeballos, no entanto, a expectativa da **A Imprensa** não se confirmaria, pois mesmo fora do governo continuaria a insuflar os ânimos contra o Brasil, usando para tal, basicamente, as colunas de **La Prensa** e **El Sarmiento**, além dos artigos publicados na **Revista de Derecho, Historia y Letras**.

O resultado desta campanha terminou sendo exitoso para Zeballos. Em meados de dezembro de 1908, em parte sensibilizados pelos argumentos do ex-Ministro, a Câmara e o Senado argentinos, depois de inflamadas discussões, terminaram aprovando um crédito de cerca de £ 17.500.000 para aquisição de armamentos.

Contudo outras questões persistiriam, ocasionando novas manifestações da imprensa brasileira. Levantava-se a possibilidade de a Argentina e o Brasil negociarem uma equivalência naval já sugerida por Zeballos no próprio ofício em que pedia demissão do Ministério. Apesar do novo chanceler, Victorino de la Plaza, ter desmentido oficialmente qualquer plano de seu governo neste sentido, a questão voltou a agitar os meios jornalísticos brasileiros. A **Gazeta de Notícias** em suas edições de 23 e 27 de junho, ironicamente, insistia na idéia de que a equivalência naval só seria plausível se fosse possível negociar a “equivalência das costas” dos dois países: “No dia em que de lá mandarem dizer: esticamos nossas costas, estão justamente com o tamanho das do Brasil” – se lê na edição de 27 de junho – “nós replicaremos imediatamente, aceitando um pacto que firme para as duas nações igual número de couraçados, de torpedos de tudo o que os nossos gentis amigos quiseram [...] Essa

preliminar equivalência de costas nos preços tão simples que só mesmo por pirraça foi que o Senhor Zebalos não a resolveu, estendendo as fronteiras atlânticas de seu país..."

A **Gazeta de Notícias** terminava seus comentários com uma expectativa concreta em relação ao chanceler Victorino de la Plaza: "quanto menos nós lhe ocuparmos o pensamento e menos ele se fizer lembrado, melhor será. O ideal, portanto, não é ter de lá boas notícias. Nem boas, nem más. O ideal é não ter nenhuma. O bom vizinho é o que não chama a atenção dos que moram perto".

Apesar da expectativa, somente no final do ano de 1908, houve uma certa trégua nos juízos desairosos sobre o Brasil, como atesta um comentário do **Jornal do Comércio**: "hoje (dia 27/12), caso muito raro nos últimos tempos, nenhum jornal [de Buenos Aires] se ocupa do Brasil".<sup>19</sup>

Contudo a questão armamentista entre Brasil e Argentina voltaria a conturbar suas relações recíprocas, marcando novas etapas da disputa comum pela conquista da supremacia no subcontinente.

## NOTAS

- 1 - "O rearmamento naval brasileiro e a rivalidade Brasil-Argentina em 1906-1908". *História*, Vol. I, São Paulo, Publicações UNESP (Universidade Estadual Paulista), 1982.
- 2 - Cf. BUENO, Clodoaldo. Op. cit., p. 23.
- 3 - "Avances del Brasil - Agresividad perigosa", Buenos Aires, 20/1/1908.
- 4 - Alguns destes editoriais estão examinados em: BRANCATO, Sandra M. L. "As relações Brasil /Argentina em 1908". Curitiba, *Anais da X reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*, 1991, p. 83-87.
- 5 - "Queda infeliz". Rio de Janeiro, 22/6/1908.
- 6 - "O Dia". Rio de Janeiro, 17/6/1908.
- 7 - "Justa Derrota". Rio de Janeiro, 17/6/1908.
- 8 - "Renúncia de Zeballos". Rio de Janeiro, 24/6/1908.
- 9 - "A demissão do Sr. Zeballos julgada pela opinião brasileira". Rio de Janeiro, 28/6/1908.
- 10 - Alcorta, eleito como vice-presidente em 1904, assumiu o comando da nação devido ao agravamento do estado de saúde do presidente Quintana, que veio a falecer logo em seguida.
- 11 - *A Tribuna*. Rio de Janeiro, 16/6/1908.
- 12 - "A renúncia de Zeballos". Rio de Janeiro, 16/6/1908.
- 13 - "... Acolá...". Rio de Janeiro, 16/6/1908.
- 14 - "Boletim do Dia". Rio de Janeiro, 22/6/1908.
- 15 - "Palavras de Paz". Rio de Janeiro, 26/6/1908.
- 16 - "Boletim do Dia". Rio de Janeiro, 22/6/1908.
- 17 - "A demissão do Sr. Zeballos julgada pela opinião brasileira". Rio de Janeiro, 28/6/1908.
- 18 - "O problema argentino e a guerra". Rio de Janeiro, 5/7/1908.
- 19 - *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro. 28/12/1908.